

A GREVE

A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores

KARL MARX

ANNO I

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GONÇALVES DIAS, 67, 2º ANDAR

Amsterdã

NUM. 6

RIO DE JANEIRO, 15 DE JULHO DE 1903

A GREVE GERAL

Afim de chegarmos a uma demonstração positiva da nossa tese, precisamos fazer uma ligeira síntese do desenvolvimento social. Ainda que forçando as regras da análise, por não exceder aos limites d'um artigo, é a indispensável recordar os factos da evolução humana para descobrir nelles a origem da força creadora de todo o progresso. Os vícios das histórias arquetípicas por escritores embuídos de crenças religiosas ou filosofias partilhadas do esvaziamento do homem pelo homem, seja sob o ponto de vista material, moral, p' físico ou económico, não podem a menor dúvida; mas não é isso motivo bastante para que regitemos esse trabalho mesmíssimo preciso de tantas gerações, sem tirarmos delle todo o proveito, todo o cabedal de ensinamentos que é patrimonio da Humanidade.

A ideia de continuidade histórica já hoje não sofre controvérsia de quem quer que não procure fazer originalidade com a negação do seu próprio critério. Neste ponto são acordes, todos os filósofos, a despeito do antagonismo que se separa, quanto a maneira de encarar os fenómenos sociais. E precisamente firmados em tal continuidade é que proclamamos firmemente o nosso triunfo porque temos consciência de seguir as correntes mais adelantadas, de professarmos as leis simples que hão de presidir a constituição da sociedade futura. Filho da natureza, especificado por uma cultura nascida do esforço intuitivo para atingir a meta das suas múltiplas necessidades, não se compreende que o homem persista em conservar-se preso a preconceitos metalésicos, sem sacrificar da fisiologia, quando uma educação rigorosamente científica superar os prejuizos da educação actual. A verdade desta proposição é evidente, e só por um obstinado apego a certas frialdades destituídas de todo o valor positivo se poderá negar a. Da mesma forma que a fidalguia guerreira venceu ao clero para ser por sua vez rechaçada pelo industrialismo burguez, este regime oppressivo será fatalmente substituído pela anarquia.

Entretanto vejamos em que se baseiam as nossas aspirações por uma era nova, de perfeita igualdade económica e completa liberdade individual, regida pelas leis do trabalho e solidariedade universaes.

Certo, na causa de todo o existente, se encontra o argumento bastante. Com o aparecimento do homem na superfície da terra, teve começo esta gloriosa epopéa que é a história da conquista do mundo pela sua vontade. Insignificante atomo perdido no meio de tanta grandeza, elle se penetra dum valor heroico e dilatando a esfera do seu proprio poder por uma concentração vigorosa de todas as suas energias principia a lutar contra os obstáculos opostos pelo meio ambiente á livre expansão dos seus instintos. Assim decorrem milénios de batalha porfida e feroz, sempre vantajosa porém nunca interrompida. Lucrada no caminho das victorias sobre as forças brutas, a Humanidade não mais se deteve. A vida, em inicio difficilissima de ser vivida, dada a multiplicidade dos perigos que cercavam aos primeiros homens, fôz-se pouco a pouco tornando menos dolorosa. Os elementos que ao mesmo tempo fôzseram origem de males innumeros, quando bem utilizados tornaram-se fonte perenne de benefícios.

Assim, fazendo um extraordinario esforço sobre si mesmos os povos atravessaram as diffíceis fases prehistoricas e agruparam-se em nações. Produto grandioso da elaboração colectiva, a História se foi coligando ao longo fundamentalmente creador do trabalho. A civilização tem caminhado a passos largos.

Mas, como era natural, uma obra tão gigantesca não podia deixar de sentir-se de graves defeitos que só a experiencia e um estudo profundo das sociedades poderão eliminar. E só o explorador, o egoista que vive regaladamente no seio da fartura, ao mesmo não pensa, por se julgar proprietario legitimo das melhores conquistas de tantas gerações que trabalharam para constituir uma herança comum a toda Humanidade. Isto, porém, coisa é de nenhuma importancia. Ao autor da obra cabe exclusivamente o direito e o dever de corrigir as suas imperfeições. Só o operário, por ser a victima exploratoria de todas as injustiças sociais, poderá fazer com que sejam eliminadas as causas dos males que ainda nos assolebam, tornando a existencia do trabalhador o maior dos martyrios, soffido por entre aperto de cangaio e gritos de desespero. E' mister que o pobre afirme, com actos de revolta a consciencia dos seus direitos a uma vida mais digna de ser vivida. A escravidão, o servilismo, não é um estado natural, e quando firmos todos ensinados nada haverá capaz de obrigá-los a permanecer em semelhante aviltamento.

Temos a força material irresistivel do numero, a superioridade moral de lutar pela igualdade perfeitae reconhecemos a todo ser o direito de ser livre; de tudo quanto reclamamos para nós não de negamos partilha, nem mesmo aos nossos inimigos; o que, pois, nos falta para vencermos é cômico a

causa da justiça?... Por ventura podem os nossos adversarios algar em seu favor igual soma de argumentos bons?

Claro está que não. Elles combatem pela desigualdade e toda a sua tática reduce-se a tirar do proprio amalgame de paixões e crimes cravados pela confusão dos interesses grosseiros que se debatem na sociedade actual, a conclusão invariavelmente de que a tirania é indispensavel a ordem. Inesqueçavel da menor abstracção, julgam e sentenciam de a'ôdo com ideias preconcebidas, e pensam desta forma resolver as questões que lhes são presentes.

Mas não importa isso o menor obstaculo a nós outros. No calor da luta que sustentamos pela reivindicação dos nossos direitos só nos deve preocupar o enlaidado as leis da equidade e a consciencia de que pela conduta do nosso trato, pela singularidade da nossa moral, pela rectidão da nossa conduta, somos bastante dignos de gozar a liberdade a mais ampla. Que batendo em todos os flancos a exploração do homem pelo homem, batallhamos pela justiça, não ha, não pôde haver, que de boa fé o negue. As desigualdades da sorte não têm para sistematicos outros defensores que os egoistas e os seus aliados. A propriedade firma-se na complicitade criminosa duma pequena minoria de individuos que não contribuído com a mais insignificante parcela de serviços para a Humanidade, se julgam com o direito de lucrarem se de trabalho de todas as gerações anteriores, ainda por cima opprimindo cruelmente á maioria laboriosa. A sua destruição é, portanto, sobre necessaria urgente, afim de que se não prolunge indefinidamente tamanha iniquidade. Si tudo o que existe fôz produzido pelo labor humano, por que razão não ha de ser comum a todos que engrandecem com o seu esforço honesto a tão bello quanto precioso logado?

Uma sociedade que é antitese d'este justo ideal tem, acaso, razão de ser?

Ninguém pôde ser feliz se todos não o são

BURDA

TUDO PELA LIBERDADE

Entre as multiplicas causas que operam para o enfraquecimento dos operários, é sem dúvida alguma, a malicia pessoal aquella que maior soma de prejuizos produz.

Tempo e actividades preciosas, que podiam ser de muito proveito á causa, com um se perdulantemente desperdiçados em questões mesquinhas, de rivalidades esterilizadoras, só por satisfazer-se a paixões inferiores. Não raro vê-se um grupo de trabalhadores em luta contra outro grupo de companheiros com o fim unico de satisfazer a antipathia, inimizades, que não haveria razão de existir se ambas as facções procedessem com mais cordura fossem animadas por um espirito de superior tolerancia, poussem todo o empenho em ser solidarios, evitando as dissensões por meio dum respeito reciproco ás opiniões de cada qual. E o que mais consterna de tudo isso, o que torna solene o doloravel essas rixas desmoralizadoras, é que as pessoas cuja influencia sobre o animo dos seus amigos devesse ser posta ao serviço da conciliação, trabalhando pelo congruamento geral, ao em vez de assim procederem ainda atizam mais a discordia, movidos por sentimentos que deviam ser os primeiros a combater.

Desta forma, lucra a burguezia, lucram os exploradores do suor alheio, tanto quanto teriam a perder se fossemos todos solidarios na defesa dos nossos direitos, desprezando as pequenas divergencias para cuidarmos da resistencia necessaria ás injustiças de que somos victimas. Tivesse o trabalhador a compreensão de que muito mais das amizades ou das inimizades pessoais, para a necessidade dum coligação formidavel de todos os expoliados para o fim de conseguirem a reivindicação dos bens que lhes foram roubados; subisse o homem simples desprezar as insinuações maliciosas e os ressentimentos, por ventura explicáveis mas sobretudo funestos, para acatar como devem as expansões de simpatia; porfizessem os dias em libertando-nos dos tantos defeitos da educação; fizesssem-nos um bello esforço sobre nós mesmos para nos emancipar batallhando pelas ideias que nos parecerem boas sem a menor preocupação de pertencermos a este ou aquelle partido, a esta ou aquella escola filosofica; e decerto, o mundo não seria, como ainda é, dominio dos egoistas, vasto teatro da miséria.

A verdade que nos nossos oppresores tiveram a habilidade de inspirar-nos pela palavra. Anarquia não pôde ser razão bastante para incompatibilizarmos com as ideias boas, que os seus adeptos expõem.

Cumprir em primeiro lugar estubalas com imparcialidade; depois, si algumas parecerem ruins, é o caso de impugná-las, porém, nunca deixando de fazer a devida justiça áquellas que se afigurarem boas.

E para com os homens deve se proceder da mesma forma. O facto de ter particulares motivos de animadversão a tal individuo, unicamente justifica a quebra das nossas relações pessoais.

Si a sua maneira de agir, o seu trato, a sua conduta, não torna antipathico, afastado me naturalmente delle. Injusto, porém, seria em si votasse o mesmo desprezo a todos que, não tendo os meus motivos de inimizade, dessem apreço á minha estima e pretendessem conservar a sem remanir a estima de meu desaffecto. Estas inimizades são meramente sociais, filias quasi sempre duma educação incompleta, e nada, absolutamente nada, impede que dois inimigos de semelhante especie lutem com igual lealdade pela mesma causa. O contrario supor, seria denotar muita estreiteza de vistas.

Mas em nenhum caso esta verdade se torna tão clara como no caso duma campanha em prol dum ideal commum. Imaginemos que se trata de propagar a libertação do operário. Eu sou operário e nestas condições acho magnifica a propaganda e tenho grande interesse em fazê-la crescer. No meio vivo ella começa a ser agitada, prometendo prospero futuro; mas dentre os seus mais entusiastas propagandistas ha um individuo de quem não gosto. Devo eu, por isso, reusar o meu apoio á propaganda que julgo necessaria?... E' certo que não. De forma alguma se justificaria a minha indifferença; e si assim procedesse daria mostras duma inconsciencia deploravel. Tenho que primeiro lugar eu quando acito uma ideia considero a sua devesa, um direito que ninguém me poderá impedir de exercê-la; em segundo, si o seu triunfo me favorece, seria incoherencia negar-me a trabalhar por ella; em terceiro, por maiores que sejam os motivos que me separem de algum, nunca poderei exceder dos interesses do meu bem-estar; em quarto, finalmente, devo ter em vista que sobre-carregando o meu inimigo da parte que me devia tocar no combate pela causa commum, estou a creder da minha gratidão e fallo ao cumprimento de um dever respeitavel.

Agora acrescenta-se a tudo isso as vantagens que os intrigantes, certos individuos mal intencionados, colhem fazendo nascer a divergencia no seio do proletariado afim de crear partidos dos quaes se tornam chefes para satisfazer a condonaveis ambições, e ter-se á noção aproximada da precisão que temos todos de nos prevenir contra a temerosa questão pessoal.

E' por esta razão que fazemos guerra a toda a sorte de autoridade. O maior escrupulo deve presidir os nossos actos, afim de que não sejamos influenciados por predilecções, que de futuro se poderão tornar perigosas. O homem que deseja ser livre deve principiar libertando-se das suas proprias paixões. Nunca nos devemos deixar dominar pela primeira impressão. No fundo dum amigo carinhoso pôde se esconder muito bem, um refinado yperita a espreita do momento oportuno para enganar nos; por isso é conveniente que a nossa confiança não equivalha jamais a uma abdicção da nossa vontade. Quem sempre obra de mton proprio, pôde a qual, por leve evitar o embuste.

Subretudo é necessario nemdum operário, se pretextos futeis, fôrte com o seu apoio aos companheiros que lutam pela sua emancipação.

Seja a nossa divisa: TUDO PELA LIBERDADE!

Alvaro Affonso.

O sufrágio universal é uma facção que custa ao paiz grandes sacrificios de moralidade e dinheiro.

LUCIANO DE CASTRO

O seculo XX

Nosso seculo, o seculo XX, é o seculo do revolucionario, o seculo do progresso. Seu caracter e suas tendencias o estão dizendo de uma maneira tão clara que se não ha de fazer a divida. Ha quem não o compreenda? Ha quem não o queira compreender? Ha quem o queira negar? Assim o presumo; e assim o penso e creio.

Pre-mo e creio que ha homens que se cegam, que se negam a elles mesmos; que pretendem occultar em todos os tempos e em todas as horas, o que todos sabemos e vemos, o que se não pôde negar. Que o seculo XX é o do progresso, quem o duvida? Duvida algum que é progressivo e revolucionario o nosso seculo? Ha quem o duvida? Não o posso erêr; seria preciso duvidar de tudo, si disso se duvidasse. Quando vemos sulcados os mares por velozes naves que, aproximando mais e mais as distancias, põem em contacto os mais separados paizes; quando ao impulso do vapor vemos perlostados montes e vales pela fumejante locomotiva; quando a piaricia vence os obstaculos que os homens se opõem para preencher os seus fins; quando as sciencias vão apreendendo uma por uma as leis que regem ao universo; quando vemos transmittida a palavra com a velocidade do raio e

venhos o raio sujeito á vontade do homem, se pôde negar, se pôde duvidar de que o nosso seculo é o do progresso?

E quando o povo sente o que sente o povo do nosso seculo; quando o espirito do seculo e as aspirações do povo são as mesmas, o progresso se realiza duma forma rapida e magistral, e a revolução social, que já latente, já visivel, é a revolução de realizacão, e se manifesta prepotente e não ha duque que a detenha em seu caminho, nem vála bastante para ob-trair-lhe o passo. Pensemos assim os que não cessam de derramar torrentes de sangue com suas prisões e detençaes arbitrarías; é inutil, completamente inutil, intentar sufocar o espirito do seculo, é inutil, completamente inutil intentar oppor-se á REVOLUÇÃO SOCIAL e ao PROGRESSO.

Não vêdes cair ao impulso destes mesmos revolucionarios, destes mesmos progressistas as antigas instituições baseadas na injustiça e emmentadas todas na ignorancia do povo?

Não vêdes a esse povo que sedento de saber acede pressuroso aonde pôde instruir-se, estudando tudo, indagando de tudo e removendo tudo? Não o vêdes tratar e discutir desde as mais simples até as mais complexas questões que á Humanidade agitam? Não dizem nada esses Congressos Internacionais onde os trabalhadores estudam as questões do trabalho? Não significam nada essas associações de e'carícos que por toda a parte se formam não para discutir somente duma forma impitória o remedio que hão de aplicar aos seus intermptos males, mas também para inflamar da causa de seus males e destruí-los, destruindo assim a injustiça, o monopólio e a degradação da Humanidade?

Se estes feitos não são por si sufficientemente eloquentes, não sabemos onde encontrar eloquencia, si não lastimamos os obscuros defensores do privilegio e da injustiça os exemplos que se encontram estudando o nosso seculo, de quem a Humanidade progride duma maneira visivel; o sentimo por elles, pois a Revolução Social, que não se detém, os encontrará desvendados, e de seus effeitos elles serão responsaveis e culpados.

Tudo o universo está sujeito a leis, leis imutaveis, leis fixas e invariáveis, e uma temeridade intentar siquer oppor-se a ellas; é lei da Humanidade o progresso, como é lei do nosso planeta girar em torno do Sol, marcando pelo movimento de rotação os dias e as noites; é lei da Humanidade seguir a senda da perfeição dirigindo-se constantemente para o bem, como é lei das aguas seguir os pendores para ir unir-se ás do grande deposito universal.

Queréis interromper a marcha da terra? queréis deter as aguas em suas nascentes? Pois destruíd a ordem natural é oppor-devos á Justiça. Lembrai-vos que todos os sabios, que todos os homens uteis á Humanidade, que todas as glorias da sciencia não foram capazes de conseguí-lo. Si Franklin se apoderou do raio, foi porque não se opoz a que se manifestasse, a que calhira, a que viera onde devia vir, a que viera á Terra. Si Mongollier se elevou aos espaços em seu globo, foi porque não se opoz ás leis da gravidade, porque não as quis destruir, porque não as quis trancar, sino que ao contrario, se valeu dellas para elevá-las. E si a igreja christã fôz adeptos e elegem a ter imperio, foi porque previu grandes maximas, maximas de paz, de fraternidade e de justiça; porque interpretou o espirito de sua época; porque se acomodou ás aspirações do povo que devia reger, sobre o qual devia imperar, e, enfim, porque realizava o progresso moral e material do seculo.

Não o duvides, povo! não o duvides, trabalhador, todos os dias ao assomar o Sol ao oriente, uma nova pedra se edifica no grande edificio do progresso. Homens pasceadores anunciam grandes verdades; intelligencias incanescíveis tem destruido velhos obstaculos; e todos sem saber, quíçá, quíçá sem o querer, ao alentamento progressivo do homem.

Assim temos visto que a proporção que ha sido desvendadas as sciencias fisicas, se tem aperfeiçoado a Humanidade no que resp-ita á vida material dos povos; que a proporção que se annunciaram novas verdades na ordem das sciencias moraes, as sciencias economicas desenvolvem novas teorias cada vez mais conformes com os principios de humanidade e de justiça; lutam na ordem moral as mais descontradas opiniões; discute-se na ordem economica as ideias mais opostas; pugnam na ordem politica as ideias de Liberdade e de Absolutismo, e estas lutando contra as mais sãs e sublimas, as da Humanidade, equilibra, impõe, são da Anarquia o Communismo; e entretanto a Anarquia se realizza. A industria, manifestação sublime da actividade do homem e da grandeza da intelligencia humana vai aperfeiçoando o trabalho e dando a este um caracter que marca duma forma evidente quaes são os fins que se devem cumprir nesta vida.

A applicação do vapor ou da electricidade como força motriz, a substituição da força muscular do homem pelas forças fisicas, já sejam naturaes, já artificiaes, duma maneira artificial e estúpida, mostra claramente que o fim do homem é o estudo, e que elle não deve ser uma bota de carga como o quer esta sociedade corrompida. Para o

advento dumha era de bem-estar e de ventura, os povos, os trabalhadores lutarão e lutarão sem cessar; para implantar uma ordem social, um sistema da sociedade conforme com os progressos da ciência e da civilização modernas, sempre que o nosso fim se realize dumha forma verdadeira, dumha forma adequada com o que nos diz a Natureza.

Por isso de todos os tempos existem clamores de liberdade, porque já sabemos demasiadamente que sem liberdade não pôde haver ordem, nem justiça, pois que a liberdade é tão natural ao homem como sua própria vida, como seu próprio ser, como é natural a ele mesmo.

Sim, infalíveis teólogos, que com vossos embustes haveis sacrificado aos melhores pensadores, que descobriam vossos naufrágios contra a ordem da natureza; sim, científicos rotineiros; sim, fariseus sem luz; sim, sábios sem ciência; sim, logistas burgueses sem lei; sim, juizes sem justiça; sim, moralistas sem moral e políticos sem política; os povos como os trabalhadores conhecem isto e os povos o querem e querem-no porque é deles, porque lhes pertence, porque os rouba, porque os tem e os oprimos, porque não tendes a palavra a ser oprimidos, porque isto não é de justiça.

Não o dareis? Não lhe dareis a liberdade de pensar, de associar-se que é seu direito, que é sua vida, que é sua honra? Ah! que o direito da liberdade do homem como da mulher está escrito num código que não pôdes queimar, que não pôdes destruir, que não pôdes ocultar e que não pôdes negar que existe. O direito da liberdade do homem está escrito no coração do povo, na inteligência das massas produtoras, e viverá enquanto o povo viver, e viverá eternamente, porque o povo nunca morrerá e o povo fará valer este direito; ainda que tenha de sofrer as vossas injustiças, fará respeito-o e trabalhará sempre para gozá-lo.

Si logrará? Será elle tão desgraçado que o não logre?... Aqui está a luta, esta é a luta, luta gigantesca, luta titanica, luta que se manifesta cada dia com mais vigor, com maior força, e nesta luta terrível, nesta luta constante, travam tremendas batalhas de amor e a verdade; a inteligência e a força, a tirania e a justiça, que com a sua resplandecente claridade deixa vislumbear novas verdades.

Quem se subleva contra a soberbia de um Deus desconhecido, quem contra uns poucos opressores, quem contra a tirania dum capital despótico, quem contra umas leis imbecis, quem contra uns privilégios injustos, e tudo e absolutamente tudo conspira com um mesmo fim, tende a realizar o mesmo, a destruição do despotismo, venha d'onde vier e chame-se como se chamar.

Por isso a dúvida que assalta aos que de véras amam ao progresso, aos que em verdade anhelam por uma realização da justiça, é uma dúvida sem fundamento, sem razão, que o menor sopro basta para dissipar-se.

A Europa toda é está demonstrando. Que significa, pois, esse movimento operário de ambos os hemisférios que fomentam os martyres da nova ideia e do direito da Revolução Social? Significa, companheiros, que é chegada a hora, que o dia tão desejado da emancipação do escravo do salário e do tempo se aproxima, que está perto o advento do direito, que o século XX é chamado a realizar o progresso, e que este é o período histórico em que a igualdade ha-de realizar-se e ha-de ser um facto para que seja certo o reinado da verdadeira justiça.

João Baptista Perez.

A patria não existe em parte alguma: de um a outro pólo somente se vê lyrios e escuros.

DIÁLOGO

INFAMIA DOS TRIBUNAES

O nosso companheiro E. Palacios, no seu artigo inserto em o numero anterior deste periodico abordou a uma questão que me parece bastante importante, não deixarei passar despercebida. A natureza da nossa propaganda, toda revolta contra as injustiças sociais, impõe-nos o dever restricto de combatermos a injustiça, onde quer que ella se apresente, ainda mesmo quando a vítima seja eunucado inimigo nosso. Ao diagnosticarmos os factos, abstrahimos por completo das individualidades, pouco nos importando ao affrontarmos a furia dos opressores que o mesmo infeliz a quem defendemos pague o nosso serviço com um acto de maldade; e se pelo contrario a nossa intervenção for bem acciada, nem por isso alterarmos a norma de conduta que nos trahimos. Temos por unico escopo a luta pela verdade.

E' a condenação de Decleodiano Martyr pelo tribunal do jury o caso de que me vou occupar. Não ha duvida que o assumto, devido ás circumstancias que o envolve, torna se um pouco melindroso. Trata-se dum acontecimento de feição exclusivamente politica e por ventura a primeira vista pareça impossivel de ser tratado sem uma certa paixão partidaria. Mas semelhança illusoria desaparecerá desde que se tenha em vista que aquelle infeliz moço tornara-se a victima expiatoria da maior monstruosidade juridica que já se consumou neste paiz, conquistou o direito a defesa de todos que batalliam em prol da liberdade. Expor á luz meridiana da critica as violencias que elle sofreu, a infamia dos seus juizes, a perversidade dos seus adversarios, e a collucta dos seus amigos, é um dever que se impoe a quem olha a vida através dum prisma de justiça, a quem não se conforma com as misérias sociais.

Efectivamente, o nosso companheiro Palacios tem plena razão quando afirma que a Decleodiano Martyr não se provou crime algum. Isto demonstrar-se em poucas palavras e de maneira irrefragavel. Não será mister fazer espectáculo de credulidade nem tapponco evocar outros argumentos que um simples comentario á maquina porque correu o seu processo.

Foi durante o estado de sitio que se seguiu aos acontecimentos do arsenal de guerra, que Decleodiano foi preso e processado. E' naquelle periodo o terror dominou esta cidade. Um preso foi assassinado no carcere. Espalderou-se, morte a dia, pessoas innocentes pelas ruas da cidade. Não havia a menor segurança de vida para quem em desobediencia ao governo. E foi por essa mesma politica, arbitrária e violenta, que se amou o inquerito, que determinou a condenação.

Ora, tal inquerito não tinha o menor valor, porque fora levado a effeito com desprezo de formalidades indispensaveis á comedia dos julgamentos legais era, portanto, nullo de pleno direito. Sabido é que durante o estado de sitio não pôde haver processo regular, por isso que estão suspensos todos os garantias. Entretanto, o cello politico, o ranear dos governantes daquella época fechou-lhes os olhos a este preito do tão devandito direito adjetivo, e para o fim de reduzir os adversarios á situação de réos todos os meios foram considerados licitos.

Note-se, porém, que assim me referindo aos indivíduos que eram governos, naquelle tempo, estou convencido que o mesmo faria os seus adversarios em identica cegueira. Tanto uns como os outros são politicos, e onde quer que esta gafeira penetre para logo corrompe os caracteres. O facto em si de ser governos basta para fazer do melhor dos homens um seductor a maneira de Roca ou Cámaras del Castillo desde que haja uma ocasião em que seja preciso fazer tramar a todo trazo o famoso principio de autoridade.

Feita esta declaração para que fique bem claro que não tenho em vista atacar pessoas mas sim apenas tais tuíções, prestigio na critica singela do caso.

A morte do cabo de esquadra Marcelino Biagi, nas condições mysteriosas em que se deu não foi mais do que someto de importância para o proseguimento do processo. Quer sob o ponto de vista moral quer sob o ponto de vista politico, o processo sofreu um abalo profundo desde o dia em que se disse que o infeliz soldado se enforcara no xadrez onde se achava preso de macho aos pés, sem talavia que entrasse o elle, pelo exame cadavérico, nenhuma dos symptomas que acompanhava as agnias de tal natureza. Si não fosse pouco mais do que uma farsa, não se poderia de vista moral, de alguns meios fidos de critica, não se invocaria retratado. Entretanto a verdade não se aceita assim tão facilmente; e por isso, a despeito das subterfugios que foram usados, não grão o silencio dos que podiam elucidar a questão, apontando talvez um crime revolante, a maioria dos homens sensatos, das pessoas honestas, inclinam se mais para a hypothese dum assassinato, que dum suicidio materialmente impossivel de ser levado a effeito.

Por mais indigno e aviltante que o facto pareça, tem a sua explicação logica no rancor politico partidário que transforma o homem no mais feroz das animas ferozes. De um lado estava um grupo que nas vespéras, achando-se forte preparava se para deo em breve assumir as rédeas do governo; e do outro lado encontravase-se fortalecido pela crença, constancias do momento, o governo que, faceo alguns dias antes, cuidava aguda de firmarse dumavez por todas. Ambas as facções eram politicas, e como os seus chefes tinham sobreja razoes para não se fildirem reciprocamente, comprehendem que a victoria duma dependia do exterminio da outra. Entre ellas não podia haver misericórdia, a politica é um ten corraço. Travou-se, portanto, a luta e o outro lado encontrou-se mais forte. O servilismo do Congresso que se apresentou a votar o estado de sitio para o fim de legitimar todas as violencias futuras, abriu a serie das cobardias noturnas. Uma horrivel confusão se estabeleceu nos partidos. Já se não distinguia mais os adversarios. Oposicionistas de appropriação intranquencia não triplicaram de exaggerar a situação, emprestando-lhe um importancia excepcional, um o fim exclusivo de fugir á lei por pregação, tornando se desta forma agudaveis ao governo. Enfim, porde-se, então, ver, pelo espectaculo deprimido que representavam ambos os partidos, o quanto é infame a politica, a politização moral que se oculta por traz dos reposteiros dos parlamentos, dos tribunales e dos palacios?

Mas e no não é do meu intuito está dar a psychologia daquella época, facto que aqui recordo de modo para voltar a d'instaurar o processo no proximo numero.

Primitivo do Fonseca.

O roubo por fim, o assassinato por meio. Eis ali a guerra.

P. LETHOUXEAU

A Educação da Mulher

Em todas as classes da sociedade a educação da mulher se acha no mais lamentavel estado. Tomando por typo na sociedade actual o homem primario, veremos que, como companheira de sua vida, busca uma mulher apta para as algibeas e as penas da vida, capaz de criar os filhos e disposta para tornar agradável um lugar e amavel uma familia.

Prescindindo d'outros ordens de considerações respeito ao homem; basta para nosso fim um estudo da massa regularmente equilibrada. Mas e no não é do meu intuito está dar a psychologia daquella época, facto que aqui recordo de modo para voltar a d'instaurar o processo no proximo numero.

assuntos matrimoniaes, o faz sempre com mil rodadas não do toar no deshonesto, no que se refere ás funções eminentemente superiores da natureza, como são as de reprodução e conservação da especie, por considerarem na uma vergonhosa mancha.

A mãe não sabe mais, não pôde mais, e ao fazer isso, que é tão má, creio a pôde fazer bem, e por bem faz o á sua maneira pôem toda a riqueza e toda a poesia da paixão feminina.

A culpa disso está na tradição religiosa e na dominância masculina, que tem sujeita á inferioridade de Adão e Eva e a brutalidade j'urbica da submissão á maritima.

Resulta, portanto, que a duvida se ignora: bem sabe ella que uma mulher tem algo mais que mãos e cara, que é o que licitamente se pôde ensinar em todos os saberes e porque se pôde ver ao tocador; porque ás vezes o sangue ferve-lhe nas veias e por f'ellas duma amiga violenta em dumi noivo impaciente. Mas que sabe ella de filosofia, de sociologia, de historia, de fidesmas, nem de tudo isso que por entre bocheiros de fideísmo os homens fazem em sua presença? Dai-lhe uma novidade, piazente, uma novella sentimental e fantasiosa, ou comentários sobre essas ténas mescladas com festas, conselhos e superstições e fica satisfeita sua alma. Logo sua educação a cerca do essencial ao seu sexo ha de fazer a ella mesma, ao sabor das circumstancias, do meio, do caracter e do temperamento, privada de utilidade e da solidariedade intelectual que não almeja dos homens a caudal de conhecimentos das gerações.

O matrimonio, já se disse, é a união dos sexos, a permissão de ostentar a prehezo em publico e ter filhos. Sem essa permissão que dá uma função mais latim que ninguém entende em uma funcioneiro a quem nada importa, está deshonrada, se se querter a viver em habitação de quantos a saia e a par, não irmãos e amigos a despreciação como causa de grande deshonra colectiva: com dita permissão passará de virginal e virginal duvida a casta e respeitavel esposa, caso seu marido tenha, pela exploração, usura ou renda herdada, uma posição de cede. Si é o pre?

Por outra parte, a instrução, a pezar das precepções da burguezia, não equivale á educação; entre essas duas fidesmas ha a differença duma evolução. A educação é um grão normal e permanente da intelligencia, consequencia duma formação caracteristica, ao passo que a instrução é um conjunto de conhecimentos mais ou menos adaptados, amontoados numa memoria e que se tem uma relação indirecta com as outras faculdades do individuo.

A jovem tornada como typo numa classe social qualquer, só conhecerá o amor por novellas, si não ler, ou por allucinas, porém aguará seu proprio organismo, e em sua ignorancia unicamente superstições e precepções formadas bagagem intellectual, e é quanto poderá proporcionar a seu marido nas horas de repouso, quando este queira descansar de suas fadigas ordinarias. Ao contrario daquellas conversações deliciosas em que o amor enleva a intelligencia, encontrará sempre indifferença ou rudes de trato.

Vida depois dos filhos, e essa mulher será a primeira de suas fidesmas, e as primeiras impressões que se gravarão nos ternos cerebros serão eras, superstições e maldades, sendo sua propria mãe, quem se sente capaz de dar sua vida pela fidelidade de seus filhos, a causa mais immediata e directa de toda e cada uma de suas futuras penas. E assim vai enxada a sociedade, obstando pela estrada do progresso, a qual se confunde com a revolucionaria, para o perceptor, uma especie de rita enxada.

Mulheres! uma mulher vos fala. Já que tanto vos domina o mysticismo cristão, a elle recorre, por esta vez, para surgir-vos uma lição severa. Jesus, o que pedo si á adúltera, dirigiu uma dia a sua mãe esta dura expressão:

"Mulher! que ha de commo entre tu e eu? Mantém-te e meus irmãos são os que me seguem."

Si queres, pôde, evitar esse doloroso estado, adiantando a teu filho, a teu marido, a teu irmão e a teu neto, que buscam a liberdade, á igualdade e a justiça para todos. Instrue por amor, e com amor gratidão e entusiasmo serão recompensada.

Paula (Tradução de Ly Heilga Gencat)

Quando vires um homem conduzido ao presidio ou a calaf, não vos apressa a dizer: "Este é um miseravel que perpetrar um crime contra os homens". Porque succede com muita frequencia que, pelo contrario, é um homem de bem que por querer servir aos homens foi castigado pelos opressores.

LAMENAS

A SCIENCIA!

Não se pense que me proponho a annunciar-lhes alguma nova descoberta scientifica de Edison, Marconi ou Zeila, ao que me ocorre por ao alcan de do leitor o reconhecimento d'alguma nova especie não classificada por Lóves ou Buffon e não conhecida por Lamarck, Darwin ou Haeckel. Trata-se de algo mais sério: a questão versa sobre a quebra da sciencia!

Estou seguro que vós não tomarão isto a pilleria, pois reconheceis o sufficiente para dar-se conta de que a coisa é muito séria.

M. Brander assim o affirmou ha algum tempo; e esta affirmação inspirada nos conselhos que receberei numa visita ao Papa, lhe valeu um assento na Academia Franceza. Eu não pretendo uma recompensa de tal natureza, nem tampouco me inaspino na Recita dos dois mundos para affirmar o que diz; falo simplesmente do que vi, e por isso estou convencido.

Vós, naturalmente, estão ao corrente da visita que nos fizeram os delegados chilenos, porém do que seguramente não estão inteirados é de certos detalhes da recepção que se lhes fez.

Passemos por cima de todas as pequenas coisas e vamos ao caso que nos occupa.

O templo da sciencia e das artes, faz muito tempo não se occupa para nada—desde que se fez—já estava creando mungo; porém agora sahio de sua apatia; neste sagrado templo foi officiado um baptismo aos militares chilenos.

Tomando em conta a natureza do militar profissional, já vós acreditam que não fion fided com cabeça ou que se tiraram os livros das bibliotecas; mas estas coisas não se fazem tão facilmente; para que não fion juizes? Não faltará quem objecte que não faz muito tempo, em Buenos Aires, o j'iz de instrução dr. Navarro, assaltou e roubou a biblioteca e os livros do local da Federação Argentina; porém isto são casos que se não repetiram até que naquella não se promulgou a lei de residencia; em Buenos Aires, agora existe a lei da expropriação, mas esta lei foi feita somente para uso da policia.

Enfim, vulvamos ao caso que nos occupa. Pois sim, senhores, o templo da sciencia está e invertido em coisa velha impreatavel. A burguezia teme que o povo se civilize e abandona tudo aquilo que antes proclamava.

Aqui somos assim: de repente, se vê o navio de guerra camuflado pela rua (1); por outro lado se vê como chefe de expedição do porto um coronel de cavalaria; e para dar mais impulso ao progresso do paiz, concentram o Ateneu em casa de comidas e taberna de sollitos.

E ha quem diga que os nos governam não são gentes instruidas!

Antonio Sanchez.

Montevideo, 19 de junho de 1903.

Deixamos tr em todas as localidades importantes do Brasil e em capaes do estrangeiro um camarada que representa o nosso periodico, quer para cuidar da subscrição voluntaria, venda avulsa propaganda, etc., quer para coviar nos uma cronica sobre o movimento social no lugar em que reside. Os camaradas que quizerem auxiliar-nos nesta empreza dirijam a communicação seguinte.

*

Toda a correspondência para o jornal deve ser dirigida á Direcção e Redacção, rua Gonçalves Dias n. 67, 2º andar, Rio de Janeiro, (Brasil.)

*

Podemos a todos as camaradas, que coviam o nosso apelo, para que o jornal seja publicado pontualmente, que nos enviem as suas contribuições pecuniarias sempre nos tres primeiros dias de cada mes; a typographia que imprime A Grêce e bra afiançadamente a importancia de cada numero.

*

Todos os grupos e camaradas, á quem remetemos pacotes do periodico, devem comunicar em tempo o numero de exemplares de que precisam, afim de regularizarmos a tiragem.

LEI INIQUA

A respeito dos artigos insertos neste periodico sob a epigrafe acima, recebemos dos nossos camaradas de Porto Alegre a carta que se segue:

"Caro camarada Paulinho do Fonseca—Julgo-me feliz, pondo-me em concordancia de ideias contigo, a proposito da analyse que fizeste sobre a lei iniqua. (Projecto de lei 317 A, art. 2, §§ 1º, 2º e 3º.)"

Naturalmente, a menos que se não seja completamente cego, salta aos olhos que somente os anarquistas são viados por esta lei tão infame como todas as precedentes. Mas parece-me que ha outras considerações, tanto sobre o ponto de vista economico, como sobre o ponto de vista dos interesses privados (porque nós estamos ainda na bella sociedade capitalista) que se podia fazer ressaltar, e que eu acredito, ajudaria á diffusão de nossas ideias.

Eis aqui uma suposição. Como individuos (os estrangeiros, bem entendido) que tudo fizeram, pelos meios possiveis, afim de vir ao Brasil, para o que o mesmo Brasil dispunha somas enormes (das quaes a melhor parte fion no bolso dos empregados de terra e colonização e outras creaturas do governo) podem ser expulsos do dito Brasil sob o pretexto falso de estar sem recursos, donde se conclue (sempre por hypothese) que o famoso paiz da abundancia, que se nos gaba tanto, não vale mais que as cidades da Europa.

A gente faz uma outra suposição: os tristes autores da dita lei creem não ter mais que fazer dentro do seu estreito espirito de patriotismo, tratando da grande pra'ça industrial, tanto ao ponto de vista agricola como ao ponto de vista fabril, de tues elementos estrangeiros e pensaram assim se desdobrarão do elemento, que é uma das causas da riqueza do paiz, sem perturbar o equilibrio do reddito paiz. Os miseraveis (aqueles que votaram e votarão esta lei) não pretem que o diuheiro que elles ganham sem nada fazer lhes vem dos que não cessam de trabalhar e que a despeito disso vivem contentemente sem recursos, e á merced duma expulsão e são logicamente obrigados a tornarem-se ou vagabundos ou anarquistas e bem frequentemente os dois remediaes, pelo que a sociedade tem de pôr-se em guarda, porque estes são os mais terriveis. — Grupo dos homens livres.

*

Os comentarios dos nossos queridos camaradas são de todo o ponto justos. E' com o maior prazer que os subscrevemos agradecendo a proteza com que nos vieram secundar em nossa patha tão justa quanto infame é o acto da Canara.

(1) A corveta de guerra "General Rivera", foi construida na escola de Artes e Officinas do bairro da cidade, para ser lançada á agua, arrastada por soldadões.

Movimento Social

CHILE.—(Santiago).—La Luz, valente colega que se publica nesta cidade, assim historia a greve de Valparaiso:

“Os estivadores e jornalheiros de Valparaiso vendo que o salario que lhes pagavam era muito mesquinho em comparação do trabalho a que estavam sujeitos, começaram por formular uma exigencia a fim de que o aumento fosse e diminuisse as horas de trabalho. Os patrões, conforme é costume, não cederam; mas como os trabalhadores aprenderam nos recentes movimentos anteriores, apelaram para o meio de armar a greve por direito que não obtinham pela razão: a greve foi declarada no dia 14 de abril. Os patrões começaram por buscar trabalhadores com quem vendê-los.

Entretanto, a n-gativa e essa medida hostil, principia a indignar aos outros grevistas e o espirito de solidariedade principia também a nascer entre elles, concluindo por fazer os aderir á greve.

Como nada conseguiram em quatro dias de lutas, no dia se uniram ao movimento os varapichos e no dia 20 os jornalheiros da alfândega, prefazendo um total de 4 000 grevistas. A lutha ficou sem resultado; só se viu os estivas que em numero reduzido trabalhavam para ganhar o pão de que antes careciam.

Uma companhia para tomar vingança, no dia 1º de maio deixou sem pagamento aos seus trabalhadores, com o que não conseguiram senão exasperar os animos. Os dias succedem-se e a greve continuava.

As autoridades apoiando e favorecendo aos gerentes de companhias e os grevistas combatendo-se elles mesmos. Lutadores de nossa fila foram ágil-los, a levar-lhes palavras de alito, a recomendar-lhes firmeza e a ensinar-lhes a lutar. Celebraram-se reuniões em diversos lugares, havendo também em Santiago meetings de protesto e solidariedade.

Os directores da greve não podiam contar por mais tempo os grevistas em luta pacifica, e para resvalar responsabilidades avisaram ás autoridades que elles, si não se cediam ás exigencias, não se faziam responsáveis pelas consequências e deixaram aos grevistas plena liberdade de acção.

Chegou o dia 12 de maio, e eis aqui Treza:

De madrugada chegaram a grupos, pouco a pouco, os grevistas e começaram por falar aos trabalhadores, impedindo o embarque dos que trabalhavam nos diques e navios. Estes aderiram á greve e pronto abandonando aquellos sitios para irem todos ás praças e logares concurridos, onde começaram a brigar o povo á greve, á revolução, ao saque e ao incendio. A policia temendo uma catastrophe e julgando-se impotente para conter a fôrça de produzir-se, nervosa, começou por hostilizar e atacar para regularizar a ordem. Atropellou e fez repulsa a pedras. Uma official cometeu a imprudencia de atirar, fazendo uma victima. Ergueuse o povo, em numero de 10.000 mais ou menos, tomou o cadáver e, transformando-o em pedão revolucionario, se dirigiu á Intendencia, clamando: justiça! justiça!

Como não se fez caso, o povo atacou á policia a pedradas e a policia teve que fugir. A essa hora, ás 10, a greve era geral o comercio paralisou e todos os grevistas se lançaram ás ruas, esmagando os seus trabalhos e cada qual concertava o plano de ataque, cêrios de vingança. As autoridades, arrastadas com seus principios, requisitaram auxilio da marinha. Os industriais, ao ver vazias suas fabricas e o povo refutando ás ruas, trancaavam as portas de suas propriedades, temendo que de um dia para outro esbalece a tormenta. Os burguezes tão soberbos e arrogantes dos entres dias, como os cavalos das suas carruagens, agora se occultam da vista do povo, garantindo-se em suas casas, trançando portas e janelas e confiando aos escravos do exercito a defesa de suas propriedades.

Às 2 horas da tarde uma multidão, atropelando a guarda, arrombava as portas da Companhia Sul-Americana, destruía tudo quanto encontrou em seu caminho e ateuo fogo ao edificio. Ora multidão assaltava á tipografia de El Mercurio arrombando também as portas e intentando incendiar; porém a policia e a marinha frustrou este plano fazendo fogo sobre o povo.

O povo obrigava, a pedra, recolherem-se as bombas que saliam a extinguir os incendios. Dentro de pouco as mercadorias que haviam no trapiche foram saqueadas, repartido-se a cada um segundo suas necessidades os viveres e comestiveis ali acumulados. Terminada esta tarefa lançaram fogo aos transtos. O quadro era soberbo.

Forças chegadas de Villa del Mar, San Felipe, Santiago e Talca, vieram socorrer aquella erupção da ira popular, e os ataques das avançadas da Revolução Social.

Não podemos precisar o numero dos Intendentes caídos na defesa dos direitos do povo. Porém, a calculo dos proprios grevistas, destes os mortos ascende a 17 e mais de 60 feridos, por 6 ou 6 mortos entre os laicos da autoridade.

Por fim, a despeito do governo que ampara o capital, a despeito dos proprios exploradores, a despeito das companhias, se começou a ouvir os gritos de triumpho, redondo a Consueta Inglesa e subito tendo-se á arbitragem os outros companheiros.

Nos outros, se não estiveram de posse de todos os estadios e prejuizos de humas distribuições, uma corôa herica a cada valente lutador, victorioso irmão n-oso, que soube aproveitar-se da nossa propaganda, opond a fôrça á touceza dahech do capitalismo.”

—Em Valparaiso inaugurase-se, no dia 1º de setembro um Congresso Operário.

ARGENTINA.—(Buenos Aires).—A despeito da perseguição infame de que estão sendo victimas os nossos companheiros residentes n-aquelle paiz, os seus animos não se alaxam, e respondem aos ataques traiçoeiros do governo, mostrando-lhes o poder invencivel das suas convicções.

Uma prova disso foi a transladação publica de La Protesta em Havana e L'Avance da tipografia ás respectivas administrações, garantida tão sómente pelos companheiros.

Noticiando o facto assim o relata La Protesta Havana:

“Apezar de verificar-se n-esse dia muitas assembleias e de estar o elemento trabalhador muito atarefado por motivo das greves em trunfamento, um publico numero, composto em sua maioria de operarios, acabou por convite disposto, seguindo a via versus os subditos, a não consentir a repetição dos vandalismos policiaes. La Protesta Havana e L'Avance, assim como os redactores e amigos que conduzião as periculas em cujos desdobertos, foram esculados pelo povo, desle a tipografia até a redacção. Durante o trajeto, que teve que ser muito lento, tal era a aglomeração de gente, se distribuíram o entre os grevistas, os periculos citados, entre o publico que das portas e varandas presenciavam com júbilo aquella imprevista manifestação.

Em resumo: o domingo, 14 do corrente (junho) foi um triumpho mais para nossos ideais e foi, antes de tudo, um dia de esplendida propaganda.

ITALIA.—(Roma).—O assassinato do marinheiro Giacomo d'Angelo, no carcere de Regina Coeli, tem suscitado geral indignação. No dia 21 de maio uma multidão de aproximadamente 30.000 pessoas foi a cemiterio de Tor Flavia e cortou a sacra do túmulo da victima. O cortejo era precedido pelos anarquistas, formando quatro greves humanas, tendo cada qual uma coroa com faixas vermelhas e pretas. Ao longo do percurso, varios milhares de manifestos foram distribuídos, e n-esses era explicada a causa dos massacres e das violencias nas prisões e convidava-se a população a protestar e engrossar as fileiras de todas es revoluções contra a burguezia e contra o Estado burguez.

Um meeting onde varios companheiros usaram da palavra, effectou-se ao fim desta manifestação.

PORTUGAL.—(Porto).—Noticiando os acontecimentos que ali se desenvolveram, os nossos companheiros do *Regrator* assim concluem no seu numero de 21 de junho.

“A greve alastra-se contra a vontade da gente da ordem, todas as classes se agitam e movemem em constantes reuniões clandestinas, onde a greve se proclama alvira e dignamente. O *edifio* do governo principia a mostrar os seus resultados funestos. Pareço-nos que ha de cobrir a população de luto, fazendo derramar as lagrimas e ferver a cozeira. As ruas serão regadas com o sangue generoso dos que trabalham honestamente, e que tem coragem generosa para sentir o soffrimento dos seus irmãos de infortunio.

A greve alastra-se por todas as classes, como um pavoreo incendio, e todos profetizam n-oude isto irá parar. O que é certo, e não merece duvida, é todos sentirem o prenuncio do derramamento de sangue nas ruas e praças publicas. O trabalho paralisou, o movimento das fabricas paralisou misteriosamente, e os productos lutam pôs seus direitos.

Serão dias sinistros de sangue que teremos de descrever, mas a par disso de-reveremos também o grande empreendimento moral das classes trabalhadoras do Porto. Bem sabemos que os escravos os porcos dos navios de guerra. Mas que importa! A sua consciencia manda-os conservar firmes no seu posto, cumprindo um dever satisfactorio, lutando pela justiça da sua causa.

Avante, pois!...”

Pelas ultimas noticias de fonte pura que obtivemos, se activam em greve nos campos de Andalucía nada menos de quinhentas mil operarios, dizentes “povos” essencialmente agricolas. Na campanha e ridobense, desde Pozoblanco a Dona Mencía, e de Llanos a Montoro, os centos operarios aderiram á greve geral. E no primitivo de Málaga e Granada, de Alarcó e Loja, e de Antequera a Campanillas, os trabalhadores do campo abrem subscrições para viver os dias escassos.

—A respeito de Barcelona temos a acrescentar que a situação se torna cada vez mais indolosa. Os vapores que chegam ao porto, já não fundam mais e continuam a sua derrota, em vista do aspecto da cidade. A Camara do Commercio, aterrorizada, solicita ás empresas de navegação que se dessem ás justas reclamações dos trabalhadores do porto, fazendo assim desaparecer o motivo da greve.

Aproxima-se o momento em que o mundo comprehendirá que os governos são instituições inúteis, fustas e inuvas em alto grau, que um homem que se respeta não deve explorar em beneficio proprio.

TOLSTOY

AOS COMPANHEIROS

Companhia de Fiação e Tecelagem “CARIOCA”

Os acontecimentos que se desenrolam na fabrica de tecidos “Carioca” e ás que já tivemos occasião de nos referir em boletim publicado n-este grupo editor da “Grêve” estão reclamando a solidariedade de todo trabalhador consciente do seu papel. As multiplicas necessidades que somos chamados a atender, no interesse da causa dos nossos companheiros, causa que também é nossa pois que na qualidade de operarios participantes da sua victoria, como

sofreríamos as consequências da sua derrota, obrigamos a alguns factos na feitura do presente numero do nosso periodico.

E como tempo nos falta para tratar dos assuntos, que por de-n-ter da actualidade se apre-degam para os ultimos dias, aguardamos para no seguinte numero dar-lhes todo o desenvolvimento a que elles fazeo pela sua grande importancia. Por agora publicamos as lib-eracões da reunião de 13 do corrente, que é o mais que podemos fazer:

“Deante duma mensagem que apresentamos á Directoria, insistindo para que ella organisasse um regulamento, estabelecendo os teares sejam dados aos substitutos segundo a ordem de antiguidade, obtivemos a seguinte resolução:

A directoria da Companhia de Fiação e Tecelagem “Carioca”, em resposta á petição apresentada na sexta-feira passada, mette a seu contragosto de-clara a que mantém a sua decisão anterior.

Pela Companhia de Fiação e Tecelagem “Carioca” — Os directores, *Alfred M. de Oliveira — Kêl Barreiros.*”

Em vista disso, reunidos na sede social para mais de quatrocentos operarios, entre s-dos e não socios do Centro, foi deliberado manter-se a “greve” e dependendo-se o difficilio em caixa para o fim de socorrer aos necessitados. Por esta occasião foram nomeadas commissões destinadas a procurar os meios de fortalecer a “greve”, podendo em comunicação com os diferentes centros operarios.

Também foram des-tacados alguns s-dos para se encon-tar com o dr. chefe de policia, pondo-o ao conhecimento do que se passa.

A directoria, em face da recusação dos operarios, ordenou aos contra mestres que fossem de casa em casa, com listas, obter assignaturas por meio de coação moral e ameaça de perder os logares.”

ALERTA!

Alerta proletario! A aurora da liberdade já resplandece triumphante no horizonte — já estamos no seculo em que o trabalhador ficará definitivamente livre. Proletario, abre os teus olhos á razão e olha para o quadro que te rodeia, quadro de soffrimentos, infamias, atropellos e privações! Tudo quanto ha de terrono em todo o universo, mas não desanimas, meus irmãos, porque o homem que mais vive no mundo não é o que mais vive. Os que mais vivememos somos nós, es desditados da fortuna, as victimas das infamias desta sociedade carnal e criminosa, que nos envenenou no embrutecimento, na ignorancia, chamando-nos classe baixa e estúpida, sabendo que somos o tudo do mundo e que tudo fazemos quando ha de grande e salubre sobre a terra e que tudo produzimos que si nada consumimos. E é por isso que todos os proletarios, universalmente ligados pela nossa miséria, constancia e solidariedade, estamos dispostos a estudar pratica e filosoficamente os males que nos de-clam para que deste modo opinemos a nossa grande fôrça aos nossos adversarios, agitando o momento de erguer, aqui e em todas as partes, que estivermos, os grandes gritos de liberdade! igualdade e fraternidade!

A. Vidal Ma Eac

Manifesto dos operarios da Fabrica de Tecidos “CARIOCA”

Temam a certos que os companheiros não ignoram os conflitos de que algum tempo a esta parte se vêm dando entre a directoria desta fabrica e seus operarios; mas precisamos relatar, para que todos saibam as razões que nos assistem.

Somos victimas duma tyrannia muito revoltante, por parte dos mestres que em nome do sr. gerente abusam dos seus cargos, para nosso mal lites fomos conuados.

Outro dia, sendo suspense, sem motivo justificado, um honrado eal reclamamos ao sr. gerente, contra semelhante acto; vendo nós que não eram nossos attributos, re-voamos ao medio luto da greve; só então comprehendemos aquelle senhor que havia conuicto, mas sem autoridade e mandou pedir uma emissão, a qual lhe apresentando por escrito as nossas pretensões teve a felicidade de ser satisfeita, a-presentando ainda o gerente que todas as vezes que qualquer mestre comettesse um abuso lites commensuramos que elle faria justiça. Apresentava assim o dito senhor acatar o nosso direito; mas este acatamento não passava duma astucia para nós poder mais tarde, pois des le então entrou em accordo com dois traidores: Agapito França e João Brum, individuos miseraveis, que tramaram este contra a nossa ruina. Estes bandidos quando se viram descobertos mandaram officios de-ducindo-se da nossa sociedade; e segundo conseguia se fazer eloger presidente. Assistiam os infames a todas as reuniões e depois faziam contos aos senhores de tudo quanto entre nós se passava, dando-lhes a entender que seria facil nos subjugar, em vista das dissidencias que elles tívam o cuidado de fazer nascer.

Deante disto, persistiu o gerente no proposito de nos subjugar. Foi assim que no dia 2 do corrente explodiu a greve do que agora nos vamos occupar.

Deu causa a injusticia e maldade contra uma companhia pelo motivo de não haver regra para os substitutos conseguirem teares. Nomeada commissão para o fim de entender-se com o sr. gerente e pedir-lhe providencias a respeito, este recusou atender-nos obtendo de-negar acatar justa a reclamação.

Reunidos os senhores que mais entendiam prestigio da autoridade, fizemos mais alto á consciencia do sr. gerente que a voz da razão, foi declarada a greve.

Ora, o que podem os trabalhadores é que os teares sejam dados por antiguidade e não a escolha dos sympathias dos mestres, porque salido é que teas sympathias têm mal origem. Tão justo de-

sejo além de fundar-se numa regra de equidade, a ser effecto evitamos conflitos funestos tanto para nós como para a propria companhia que explora o nosso trabalho. E não são originaes as nossas pretensões, em todas as fabricas do Rio de Janeiro, as taboas com os nomes dos substitutos e respectivos numeros de antiguidade. Pois bem diante de pe-lho tão justo negocio esbalece a directoria, temendo que não faça justiça, e aconsoado á os directores declararam que elles na qualidade de patrões fariam somente aquillo que bem entendessem. De forma que ficaríamos expostos a ter conflitos diariamente se prevalecesse tão tyrannica opinião.

Mas é isso que nós estamos dispostos a não consentir, pois não voltamos o trabalho em termos não formos atitudes. Temos consciencia da justiça da nossa causa e resistiremos até o que cistiar, convicções que ao nosso lado estarão todos os irmãos do trabalho prestes a auxiliarnos neste momento de sacrificios.

Nós os operarios precisamos mostrar aos nossos exploradores que também temos dignidade e sabemos arrancar da nossa miseria as meras necessidades para as lutas em prol dos nossos direitos!

Alerta!

A situação excepcional em que se encontram os operarios da fabrica de tecidos “Carioca” torna-se merecedora de todas as sympathias de todas as pessoas honestas. Não se trata dum facto vulgar, desseo que a moral burgueza classifica levemente de luta entre o capital e o trabalho, sendo dum caso previsto pelo direito criminal, dum roubo ou coisa que melhor nome tenha.

E’ preciso conhecer o fundo o estado precario que a sociedade burgueza duma companhia poderosa criou aquella infeliz gente para ter-se uma ideia exacta do quanto vale a caravana de dignos occidentales que levantou teo-las nas paragens hoje transformadas em fétida s-ria; porque o bairro do Jardim Botânico na arca onde impura a referida companhia já se não rego pelas cinzas da Republica. A prova disto salta á evidencia dos argumentos seguintes:

Ha no Brasil leis que prohibem a emissão de moeda aos particulares. Pois bem, a companhia “Carioca” não se conforma com essas leis e faz circular moeda sua. Como é do seu interesse não só explorar os trabalhadores fazendo-os trabalhar excessivamente por um salario insignificante, organizando uma cooperativa, da qual é director o chefe do escriptorio e o maior acoustico o engenheiro da fabrica, não mettendo em conta os lucros do proprio director da fabrica. Afim de que nenhum real lhe saia das mãos, sem grande usura, estatuo os pagamentos em vales. Assim que se algum operario tem necessidade de vinte ou trinta mil réis, os vales fornecidos cartos de valor nominal. Estes cartos quando o operario não se sujeita a de-laxar na dita cooperativa a troco do que lhe queiram dar, são descontados nos estabelecimentos locais pela metade do valor. E não se pense que os negociantes estranhos á companhia põem grande empunho nesta transacção, pois elles sabem que a companhia impõe um desconto de 20 %.

O signado das casas, que são de propriedade da companhia é exaggeradissimo. Desta forma, quando chega o fim do mez, uma pobre familia que o tem supportado no trabalho, não consegue tirar um saldo bastante para cobrir as necessidades da sua vida miseravel.

Mas tudo isso pouco vale relativamente ás contradições terriveis que pairam sobre aquella infeliz povo. Não contente em explorar tão infame-mente os seus operarios, a companhia “Carioca” abusa da sua situação privilegia para tentar reduzi-los a uma tribu de escravos servis e obedientes. Com a fôrça dum verdadeiro estado dentro do Estado, dá a golpes a cada dia dúzia de verdugos, para aflicir homens e mulheres, segando a reputação. Pál-a a peder de “greves” de que vem sendo reatro a dita fabrica. Não vai muito longe que toda a imprensa se occupou dum caso ali ocorrido, o qual suscitou geras protestos. E este de que agora nos occupamos é mais ainda, mais mesmo que uma reprodução d'elle. O relato rio minucioso de quanto se passou já é feito.

Mas o que não dá mais a tolerancia absoluta e necessidade de denunciar, é o trama villosa concebida pela directoria para fazer triumphar a sua vontade prepotente. Utilizando-se das circumstancias favoraveis ao seu poder desautoritario, pretendem os directores não só deixar de fornecer aos operarios geneses da cooperativa que foi em grande parte constituida por meio de quantas arrochadas entre elles, como despojar as das casas em que residem, si não curvarem o pescoço á ranga. O boato já foi espalhado para o fim de aterrorisar os mais tímidos e naturalmente será o plano levado a effecto. Querem assim os miseraveis fazer um esmagamento monstruoso da falta de pão com a falta de lar. A lebança é, sem duvida, digna duma Sylla. Certo mais cruel dos bandidos celebres, não comoveria melhor.

Será, porém, realizada?... E’ bem provavel que não. Os operarios das outras fabricas, todos os operarios enfim, naturalmente irão ao encontro dos seus companheiros para auxiliá-los na resistencia neo-aria: promovendo subscrições, que lhes proporcionarão os recursos precisos á sua subsistencia. Isto é mais que um dever, é um direito que assiste a todo trabalhador consciente. O operario não deve permitir que a esmola humilhante do explorador se torne precisa aos companheiros que defendem os direitos dos explorados. Cumpre lutar que uma falsa, mentirosa, variada substituição ao apoio reciproco, á solidariedade dos oprimidos.

Que ninguém esqueça ao desprezar esta profunda sentença de Karl Marx: — “a emancipação dos trabalhadores ha-de ser obra dos proprios trabalhadores.”

Pelourinho

Companheiros de "A Grêve"

Saudações.

Pego vos inserir no jornal que tão dignamente dirigis estas curtas linhas para que, sejam sabedores do seu conteúdo todos os tecelões do Rio de Janeiro.

Ha tempos, não posso lembrar a data, fui expulso nesso companheiro Antonio Duarte, da fábrica da Ponta do Café, sem motivo justificado, como os exploradores costumam despedir os operários que sabem defender seus direitos.

Quando nesso companheiro perguntou qual era o motivo porque o despediam, o gerente disse-lhe que não lhe tinha satisfação a dar. Pois bem, o motivo foi o seguinte: um indivíduo chamado Miguel Lomilha, um desses carroceiros de presa que não olham arrastar a miséria famílias inteiras por saciar o seu egoísmo, como este miserável que alardeando de socialista se vende por um misero prato de feijão.

Tecelões do Café, olho vivo com esse indivíduo que vos vende como Judas vendendo Christo, esse reptil venenoso que teve a ousadia de mandar uma carta anônima aos directores da fábrica para que fosse expulso um companheiro digno de todos os elogios, amante da liberdade e conheredor dos seus direitos, como é o nesso companheiro Antonio Duarte, somente para alcançar um lugar de contra mestre, coisa que só obteve agora, por meio de intrigas nesta passada grêve.

Em vista das intrigas d'elle e de outros, o nesso companheiro teve de ausentar-se desta capital, onde não encontrou mais trabalho. Tecelões do Café, si duvidas das minhas palavras, eston pronto a vos satisfazer com as provas. Quem escreveu a carta foi um seu companheiro chamado Manuel Laque.

Companheiros d'outros officios, fugi sempre desses indivíduos que para captar as simpatias dos proprios que os exploram não vacilam de arrastar a sua dignidade pelo chão, si é que têm alguma, porque nos seus actos demonstram não ter nenhuma.

José Rodrigues.

Chamamos a atenção dos companheiros para o nosso novo endereço. Toda correspondência deve ser dirigida a esta redação: rua Gonçalves Dias 67, 2º andar.

Fazemos esta declaração, simplesmente, visando o fim de maior facilidade do nosso serviço.

O POVO BESTA

Não é de todo o povo que eu quero falar, mas doum parte d'elle, daquela parte que em furtos de princípios, de ideias de agitação revolucionária, de negócios na vida publica, representa, onde quer que seja, aquillo que representava a Vândia durante a Revolução Francesa.

Em volta dos partidos revolucionarios, em volta das propagandas subversivas, dos combatentes para a liberdade, dos cultores do progresso, se aggrupam a multidão enorme dos refeitórios a qualquer principio de insurreição, a qualquer ideia de alforria, a qualquer movimento insurreccional, contra a dominação de classe. Esta multidão não vive, não pensa: vós a vreis sempre naquello estado invariavel de passividade e de cobardia, humilhada, aviltada e resignada á sua sorte. He quando em quando, teve momentos de heroismo, teve sangue para os combates, lutou e venceu. Hoje não tem mais energia, não tem mais valor, nem mais uma gloriola vellelha nas aréas.

Vê, deixa falar, e chora o eterno lamento. Lamenta-se das suas misérias, mas trabalha boatinamente, para enriquecer mais os seus parasitas; lamenta-se que as leis são ruins, opressoras, mas elige deputados para votar; lamenta-se que os seus superiores o mandam presos, mas é ella mesma que se constrói as prisões; lamenta-se das perverdades das suas algemas, mas é ella que lhe veste a divisa; lamenta-se dos estribos, mas é ella que faz os estribos; lamenta-se que os se fustiga a fusta barbaramente, e repudiamamente, pelas ruas quando pede pão e trabalho, mas é ella, a multidão cordata, patriótica, paupere, legalista, que leva o fustil ao hombro e vai servir neste sentido á patria... Que fazer duma multidão como esta? Melhor seria que desaparecesse completamente e para sempre da superficie do Globo, porque pela sua vellelha é indigna de viver.

A burguezia tem os seus apologistas, e eleva a elles estatuas, lapides, monumentos ou dedica a sua memoria paginas brillantes da Historia. A multidão miseravel, não; por seus heróicos, por seus verdadeiros defensores, por seus victimas, por seus martyres, ella só tem maldade: não consagra á sua memoria sino despozo e execração.

Lutais por esta eterna Vândia, sacrificai a vossa liberdade, a vossa vida, fazei-vos por ellas vos prenderem, desterrarem, martyrisarem, e vereis como vos recompensa. Dir-se-á que não tinhas amor pela familia? que haveis estado não lutando por uma causa melhor, pela patria, razão, etc.

Quem é Caserio? perguntai a ella e vos responderá: um assassino. E Kropotkine? vos responderá: um deslealdador da juventude!... E em a deão, a esta parte vil e obscura do povo, a esta multidão anônima que não tem coragem de olhar á face o tirano que a oprime, o indivíduo que a brutaliza, o patrão que a insulta. Odeia a quanto a amaria si em a visse, dignitadosa, fustar frente a frente os seus oppressores, rebelde ás injustiças e iniquidades sociais.

Hiz-se que é inconsciente e necia, mas não é isto o peor dos seus males. E' tambem vellelha, e é esta a sua mais odiosa característica. Porque não diz a verdade? porque não diz que treine dentro do mais miseravel polido? deante do magistrado, deante do aparato cenegegrafico das causas?

Não, uma grande parte do povo é besta, e sofre porque é digna da escravidão.

(Vo. — de L'Arenaire, de Buenos Ayres).

Tradução de

G. Frenzi.

Até 1898 os principies fizeram a guerra para conquistar ter direitos de eleger para o parlamento a favor parastabelecer agências cmineiras.

VOLTAIRE

Esperanças

Oh! esperanças excedidas de um mundo melhor; Sonhos utopias as chamam os burguezes crees. Sim, dizai, falai mais dizendo isto tremis; vêde a chama de fraternidade dos chamad a por vós mesmos, que mais se acende nos peitos d'elles. O coração pode estourar quando menos o pensas, e talvez não muito longe os doveremos que se rão os pequenos e a canalla que de-proxais e rondais escravos.

Agora apparece de todos os povos do mundo o protesto ao servilismo; sentem-se carregados da vossa maldade oppressora, a paciência já muito longa elegou ao seu zuge.

Sim! não utopias, sonhos nossos irrealizaveis; mas todos nobre, e perseguo o ideal emancipador precipitando assim o cataclismo que vos ha de engolir.

Ah! pensais talvez, usurpadores do trabalho d'outrem, eternos oppressores dos povos, que não ha para vós um toque final? Estais enganados; basta meus caros, os produtores do mundo quasi conheceram os seus direitos mais que legítimos de gozar da fructo do trabalho d'elles; e a toda vida que em nussa comparta, virão a retomar todo o que vós o-nos lites roubastes.

Oviva as nuvens engrossam, a atmosfera está carregada. Sim, preparai-vos para receber o raio do sangue humano, não serão mais sonhos nem utopias; mas a realidade esplendida. Um novo sol mais lapido, mais bello, resplenderá de paz e de amor. As esperanças sublimis dos povos serão realisadas.

Oh tempo; se podesse ainda vêr-vos, para jubilar, como jubilo do universo.

A. Palermo.

Rio, 4-7-902.

Notas e Factos

PARANA' — Companheiros d'A Grêve — Saudações.

Aqui uma pequena numero de camaradas, formados uma lista intitulada: Liga dos Trabalhadores Enlilh Zela; e de cuja lista em seu tesoureiro, temos a honra de fazer uma biblioteka de livros de sociologia. Solicitamos ao periodico "A Grêve" de annual o, pedindo em nesso nome, que aquelles que tenham livros, folhetos e jornais sobre tratado de sociologia que nos mandem. Logo depois lites remeteremos as importancias. Caso queiram ser pagos adelantadamente tambem o podemos fazer.

Temos já algumas obras a dizer: 1. exemplo da Social de futuro, de J. Grève; 1. da Germinação, 2. da Evolução Antiga e Moderna, 7. da Creta a Pto VII, 7. da Minha Defesa, 3. da Egipto e o Proletariado, 10. da Jidra de D. us, 10. da Liberdade e Igry, 10. da Religião e Filosofia, 1. da Grêve e o, 1. das Cimes de 1. en; 1. da Anarquia, 1. de Entre Campanhas, 20. de Noção, 1. da Anarquia, sua filosofia e sua ideal. 1. Porque sacos de raptaes, 1. O padre na historia do mundo de, 1. O fenicio e o mundo, 1. A vida e a responsabilidade, 1. Aes parca, 1. O regimento de José Bideran, 1. Il regimento de Euliora Uptian, 1. Anteposita de Gira e Botolona, 1. A pte cell. em, etc.

Em conclusão, queremos adquirir mais obras sociologicas e temos o dinheiro para isso. Agora para compilar a indigência só nos resta necessitar o dinheiro do nesso querido compatriota, o qual é: Pedro Colla—Educador—Estado do Paraná.

O nesso collega O Amigo do Povo mudou o endereço, que ficou agora sendo: Manuel Mesquita, Rua Bento Pires, 35 — S. Paulo — Brasil.

O novo endereço de Les Temps Nouveaux é o seguinte: Rua Breca, 4—Paris (V*) — França.

Rio GRANDE DO SUL (Porto-Alegre) — Não sabemos, camaradas, se vós já leram "Verdade" de Zela. Mas a proposito da preponderancia do jesuitismo no meio social em que vivemos, não ha duvida que cada dia mais, devemos convencer-nos da nefasta influencia que essa maldita seita, sustentada pelos crentes feis — conscientes ou não — exercita na sociedade.

Durante todo o mez de maio, ou por melhor dizer, pelo espaço de 10 dias, por ocasião das festas do divino espirito — esses bichos indefinidos — foram os verdadeiros donos da cidade.

Ostentando bandeiras e roupas variopintas, num caracolado fôra de estagão, ao estalar de foguetes (em honra, naturalmente, aos melhores oferecidos, quasi que a ofenda — quanto mais alta — maior valor tivesse, espiritualmente falando) — percorreram as ruas, invadindo os domicilios da melhor como da inferior sociedade, estorpiando a todos dizeiros que ens dão por ostentação e outros por ignorancia ou por falta de coragem para repeller a critica da vislumbra, deixando-se assim regir dos poucos vintens que, com certeza, lhes faltaria amallia para comprar o pão ou o feijão.

O mais que entre esses bichos mendis os (alijetes) pobres prestam o proprio concurso para limpar os imbricis e os fracos de espirito, com exclusivo beneficio da seita jesuitica, chega da Unanidade inteira, e principalmente do Brasil, que a esta hora poderia ter alcançado o livre pensamento, logo mais promettendo: — o pior, repetimos, é que a maior parte desses mendigos, pertencem á chamada boa sociedade, gente de posição definida, empregados publicos, médicos, etc.

E todos esses estimáveis cavalheiros, zelosos da boa reputação das respectivas esposas e filhas, esses homens de uma moralidade tão cretola que não lhes permite levarem as mulheres de casa para o teatro, quando um camponista qualquer canta composições um tanto decalote do seu repertorio, esses chefes de familia deixam as proprias filhas e esposas carregarem tijolos e mais materias de construção quando se trata de erigir uma igreja dedicada a uma N. S. das Dores qualquer, e se prestam com toda condescendencia a acompanhá-las aos espetáculos que — a maior gloria da sua ergyria — os festejos organizam e onde as eximas, moças, a quem os cinematografos populares e gratuitos fazem tanta vel me se exibem — cantando o FENIXES VENDER de Maria Santissima, por dias e semanas continuadas.

De tal modo, os aditos parca ha de necessariamente provar intimo regozijo, pois além da boa ergyria benedicta, os encores, no numero desses homens tão condescendentes alguns ha de espirito superior e forte, de posição social elevada e cujas opiniões livremente manifestadas na imprensa e privadamente, induzem a desajar d'elles um pouco mais de cohença.

Um dia, na passada semana, assisti a

um sermão de um padre, por presenciar num outro dia a uma sessão mágica; depois é como padrinho de um baptizado, ou como paranyño num casamento religioso a que se toma parte; outra vez é a festa patriótica que nos prende, e assim, indo, indo de concessão em concessão, chega-se a perder toda originalidade de liberto, para ver-se confundido com o resto de um acanhado espirito burguez, da qual procuramos em tantos esforços nos libertarmos.

C'est peut être très comode, mais c'est triste.

Grupo dos honnres livres.

Si a pacata gente da ordem catheolica se intimos — dos seus golpes com que as autoridades lortam o organismo fisico e moral dos trabalhadores da igualdade social e da liberdade completa, comprehendam o motivo desses encores posturos. Duma profunda eadna originaria a uma cruel subordinação.

Gott

Governo e liberdade

Concebidas as qualidades da materia que fazem a nossa natureza, é verdade que tol-a somos formados de tres nansas substancias, os termos diferentes e origens?

Eis a prova. Nascermos da terra é o terra tornarmos.

Porque ha de haver privilegiados, si todos pertencemos ás mesmas materias? Os egoistas isso procuram estabelecer, torcendo as tendencias do progresso para lançar os povos na mais profunda ignominia.

Desde o começo do povoamento do globo terrestre tem sido implantados em todas as raças nansas uma injunctura de regimens, todos com diferentes ideias, não passando de errações grossas do homem para completar-se, uma parte da humanidade, do trabalho das demais. E ainda hoje não se vacia de formar novos regimens, oferecendo grandes vantagens, seduzindo se os ingenuos com mil ofertas, mil promettimentos, meramente illusões.

E d'liga-se a personalidade ao poder, confrondu-lhe a materia, os mados e os meios de sobre não agir, nec liberando-se uma entidade.

Eis ali atrofada a intelligencia humana, o homem transformado em manequim.

O regimen que é representado pela autoridade, imposto por essa parte privilegiada a upon todo peccete, não é natural, porque a propria natureza não o sofre. Os innocentes natos a muita voz extinguem o direito de propriedade. Prova isto os desastres que se têm dado em varios pedagos de terra, apropriados pelos exploradores, e desappropriados pela propria natureza.

O regimen natural é instruir o ser para a conservação da sua propria materia. E este não é fim que a natureza estabelece, no interesse do aperfeiçoamento da especie. E como instruir o ser para a conservação de si a propria materia?

Desembaralhando a intelligencia para o proprio cultivo e combatendo a ignorancia para o seu extermínio.

Ideal de justiça, ideal de revalidação. Menos governo e mais liberdade!

M. F. Moura.

Na Burrica

A SAGRAÇÃO DUM MESSIAS

PERSONAGENS — Padre Babino, pregador; idem Lano, mestre de cerimoniaes; idem Saiza, o Messias; Achado, sacerdote; beatos e curiosos.

ACTO I

A scena representa o salão dum club, carneiro leão. Pelos parcos vêem-se enred e bandeiras com desenhos obscuros aos melleiros e o deus Mozo. A D. A. repõe-se um cordão, á qui a de palpito, onde se notam diversos figurões com aspecto de bebatos em polias obscuros. A E. A. flect o santo ciborio, uma vasta mesa adornada com trofos carnavalescos.

SCENA I

Padre Babino (tremendo o lenço e asseando-se com as mãos) — Irmãos! Eu venho-vos falar do entrudo.

Um voz — Não espotado!

Outra voz — Apotado!

(Estabelece-se grande confusão em que se ouvem gritos de aprovação e censura.)

Padre Lanco — Paz! ordem, irmãos! deixem falar o nesso mififico pregador! Respeitem ás autoridades sacras! Não vêm que aqui está o nesso pai?

Um voz — E' que eu não admito que se venha

falar de entrudo neste momento solene.

Padre Babino — Qual entrudo! Qual nada!

Eu quero falar dos entrudos, percebem? Dos entrudos que detratam do nesso altissimo, purissimo, immaculadissimo pai Saiza!

Sacerdotio Achado — Muito bem, eu já recordo-me á minha mulher que todos os dias reze cinco padre nesso e seis vezes maria em sua intenção, e mais uma oraçãozinha a Santo Antonio para o livrar das más linguas!

Padre Babino — Muito bem! Eu acho que devemos todos adorar o nesso excelso padroiro, este novo cristo, este incomparavel martyr!

Diversas vozes — Muito bem! Salve grande orador!

Padre Lanco — Silêncio! Não interrompo o

discurso tribuno!

Padre Babino — E' que lites digo: deveis

todos render graças á Providencia por vos ter enciado quem vos ha de relinir do peccado mortal de não ter um defensor no estele tribunal do parlamento!

Sacerdotio Achado — Isso é que é falar! E quando li che estiver será votada uma lei para prohibir que se ande a repetir o pensamento absurdo e sacrilego de Culo Marks, em que se afirma que a emancipação do trabalhador ha de ser obra d'elles mesmos.

Padre Lanco — Por todos os santos do céu! O nesso humilde sacerdotio tem razão. Ai de nós se não houvesse a policia!

Vozes — Viva a policia! Vivam os nossos chefes!

Padre Babino — Cuidado, pois, meus irmãos!

Si não quereis ir para o inferno, confiai-vos ego-

mente, ao vosso infeliz patrono! Não acreditais, nem um momento que tentes competencia para

tratar da vossa propria salvagão. São muito ignorantes para comprehender os vossos direitos. Crede, sempre, porque só a fé que já vos salvou uma vez, vos poderá salvar!

Um cuio — Mas quem deu o triumpho foi exclusivamente a nossa união.

Pa re Babino — Isto é o que vós p-nas, por

não comprehendes os santos mysterios!

Padre Lanco — O que achas de dizer é um

feio peccado! Aesso já audas metido com os entrus-

do! Não recuas a nossa excomunição maior!

Sacerdotio Achado — São uns malvados; estes

rengados entrudos. Pois se não respeitam ás autoridades constituídas, nem as suas mulheres suplicas ao Altissimo, pelo nesso chefe!

Padre Babino — Concluido, irmãos, em só

tenho a dizer-vos que não presteis ouvidos as pala-

vas heresias. Ergam-se, entusiasmicos viva no

nesso Messias, a este novo Cristo, este martyr, que

em troca de tantos sacrificios apenas vos pede um

voto, um miseravel voto que o levará ao calvario

da repressatua nacional.

Vozes — Viva o Messias! Viva o Cristo!

Vivódoo...

Padre Saiza — Viva, tambem, o eloquente padre

Babino, que é um puro, um verdadeiro amigo

vosso!

Vozes — Vivódoo...

Sacerdotio Achado — Viva o nesso mestre de

cerimoniaes!

Vozes — Vivódoo...

Padre Lanco — Viva o club carnavalesco

Frangos de Mozo, que tão gentilmente nos cedem

os seus salios para esta sacra assembléa! Viva o

nesso illustre chefe de familia!

Vozes — Vivódoo...

Padre Saiza — E agora, irmãos, voltai pacifi-

camente para as vossas casas! O nfai em mim que

tenho lá no orden constitucional do socialismo!

Desarme-se tudo, mais não se desarme a consciencia

do homem!

Um cuio — Fora a chapa!

Padre Lanco — Quem foi o atrevido que

filou!

Padre Babino — Quem teve o atrevimento...

Sacerdotio Achado — Morre ao herje!

(Faz-se grande confusão, ouvem-se rugidos de

vingança, trillapitos, uns beatos opoderam-se

dos bombos, outros das caixas de rufo, outros dos

clarins, rompe forte o tido para e tudo d'ão a

gritos de viva o messias, viva o cristo!)

Um garbo.

Imp., Praça da Republica n. 32